

Análise das formas de *terra sigillata*  
hispanica, africana, ânforas e lucerna  
do ambiente exterior norte da  
construção n.º 1 de Chãos Salgados

## 1. *Terra sigillata* hispânica

### 1.1. Tritium Magallum

As questões cronológicas, tanto para o início como para — e sobretudo — o fim da actividade desta área produtiva continuam a suscitar muitas dúvidas, e a falta de dados estratigráficos seguros impede ainda a elaboração de um firme discurso a esse respeito.

A camada VII das escavações de *Pompaelo*, datada entre Cláudio e os Flávios, é considerada a mais antiga na datação destes materiais. Mayet constata características hispânicas em materiais dos meados do século I, o que a leva a considerar a época cláudia como o início da difusão em maior escala destes produtos, sendo que o início da actividade destas oficinas, ainda sob influências gálicas, poderia recuar aos tempos de Tibério (Mayet, 1984, p. 94).

A continuidade ao longo do século III permanece uma incógnita, devido à falta de contextos arqueológicos seguros. Parece ausente em *Conimbriga* (*apud* Mayet, 1984, p. 96); em *Pompaelo*, a camada IV, a única que poderia ser datada do século III, não possui materiais que garantam essa proposta, embalando mesmo cerâmicas tipo Drag. 37 do século II e de hispânica tardia idênticas às da camada III do Baixo Império (Mayet, 1984, p. 96).

#### 1.1.1. Formas lisas clássicas

##### 1.1.1.1. Drag. 15/17

Os fragmentos de bordo n.º 11 (Mir-717-59), 32 (Mir-699-339+352) e 10 (Mir-717-41+42) podem ser integrados no segundo grupo definido por Mayet, de parede pouco oblíqua e, no segundo caso, ainda com uma ligeira moldura no bordo. O terceiro caso, demasiado pequeno, parece indicar uma certa verticalidade da parede, o que o colocaria mais próximo do primeiro grupo desta forma, embora o largo diâmetro aponte, por seu lado, para uma classificação mais tardia, como poderia ser a do segundo grupo.

A peça n.º 9 (Mir-717-36), de parede oblíqua e bordo sem lábio, pode ser classificada no segundo, terceiro ou quarto grupos.

A forma Drag. 15/17 começou a ser produzida em meados do século I, não se possuindo grandes certezas quanto ao seu final, apontado para o século II. Mayet não define cronologias para os diferentes grupos, embora esteja implícita uma continuidade cronológica; no entanto, o segundo e o terceiro grupos podem ser contemporâneos (Mayet, 1984, p. 71).

10 (Mir.717.41+42): Fragmento de bordo extrovertido e arranque de parede inclinada para o interior; pasta de cor M25=2,5YR6/4=brun rouge clair=castanho vermelho claro; algo dura, de compactez média, com fractura grosseira e bastantes elementos não plásticos à base de feldspatos e algum quartzo e mica branca e negra de pequenas dimensões; verniz bem conservado, de cor R15=10R4/8=rouge=vermelho; db: 22,3 mm; UE 375; Fase I.

32 (Mir.699.339+352): Fragmento de bordo almendrado externamente e arranque de parede oblíqua; pasta de cor N25=10R6/4=rouge pâle=vermelho pálido; dura; compacta, de fractura algo linear e elementos não plásticos em quantidade média à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz mal conservado, fino, S19=10R4/4=rouge faible=vermelho ténue; db: 250 mm; UE 331=400=392=413=343; Fase II.

11 (Mir.717.59): Fragmento de bordo biselado e levemente arredondado externamente e parede recta oblíqua; pasta de cor L25=10R7/3=rose=rosa; pouco dura; algo compacta, de

fractura grosseira e elementos não plásticos em quantidade média à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz mal conservado, fino, S19=10R4/4=rouge faible=vermelho ténue; db 200 mm; UE 375; Fase I.

9 (Mir.717.36): Fragmento de bordo arredondado e parede recta oblíqua; pasta de cor L25=10R7/3=rose=rosa; dura; compacta, de fractura pouco grosseira e elementos não plásticos em quantidade média à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz muito mal conservado, fino, cor S19=10R4/4=rouge faible=vermelho ténue; db: indeterminável; UE 375; Fase I.

12 (Mir.717.46+17): Fragmento de bordo arredondado, parede oblíqua ligeiramente encurvada para o exterior e carena com a moldura interna suave e leve canelura externa; pasta de cor M37=2,5YR6/6=rouge clair=vermelho claro; pouco dura, compacta, com fractura algo grosseira e alguns elementos não plásticos à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz muito mal conservado, de cor R17=7,5R4/6=rouge; db: 240 mm; UE 375; Fase I.

#### 1.1.1.2. Drag. 27

O n.º 14 (Mir-717-39) integra-se no primeiro grupo, ainda muito próximo de protótipos itálicos ou gauleses, com um lábio bem marcado, arredondado e de quarto de círculo bem definido.

Os restantes quatro fragmentos de bordo integram-se no terceiro ou quarto grupos, sem lábio e “quarto de círculo” mais esvasado. O n.º 15 (Mir-717-13) levantou até bastantes dúvidas quanto à sua classificação, tendo-se colocado a hipótese de pertencer ao tipo Drag. 18, mas a pequenez do seu diâmetro levou-nos a escolher a primeira opção. O bojo n.º 33 (Mir-699-349?) apresenta um diâmetro acentuado e algum esvasamento também, razões pelas quais optámos por uma mesma classificação.

Mayet concorda com Mesquíriz, quanto a um início da produção desta forma em meados do século I, embora os bordos arredondados sejam típicos nas produções gálicas somente em época flávia; Mesquíriz propõe o século IV como datação para o final da produção, mas Mayet, por falta de dados estratigráficos coerentes, recua essa datação aos inícios do sec. II (Mayet, 1984, p. 72).

13 (Mir.717.89): Fragmento de bordo arredondado e parede curva; pasta de cor L25=10R7/3=rose; dura; compacta, de fractura algo rectilínea e elementos não plásticos em quantidade média à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz bem conservado, fino, S19=10R4/4=rouge faible=vermelho ténue; db: 118 mm; UE 375; Fase Ib.

14 (Mir.717.39): Fragmento de bordo extrovertido e lábio arredondado e parede acentuadamente oblíqua; pasta de cor N25=10R6/4=rouge pâle=vermelho pálido; dura; compacta, de fractura algo linear e elementos não plásticos em quantidade média à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz bastante bem conservado, fino, S19=10R4/4=rouge faible=vermelho ténue; db: 136 mm; UE 375; Fase Ib.

15 (Mir.717.13): Fragmento de bordo arredondado e parede esvasada; pasta de cor R20=2,5YR4/6=rouge=vermelho; dura; compacta, de fractura algo linear e elementos não plásticos em quantidade média à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz muito mal conservado, fino, S19=10R4/4=rouge faible=vermelho ténue; db: 118 mm; UE 375; Fase Ib.

16 (Mir.717.58): Fragmento de bordo arredondado e parede oblíqua; pasta de cor N25=10R6/4=rouge pâle=vermelho pálido; dura; compacta, de fractura algo linear e elementos não plásticos em quantidade média à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz mal conservado, fino, S19=10R4/4=rouge faible=vermelho ténue; db: 148 mm; UE 375; Fase Ib.

33 (Mir.699.349?): Fragmento de bojo com quebra de perfil na união entre dois quartos de círculo; pasta de cor M37=2,5YR6/6=rouge clair=vermelho claro; dura, compacta, com fractura algo linear e alguns elementos não plásticos à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz mal conservado, de cor S19=10R4/4=rouge faible=vermelho ténue; dc: 127 mm; UE 331=400=392=413=343, Fase IIb.

23 (Mir.736.13): Fragmento de bordo arredondado e arranque de parede oblíqua recta; pasta de cor M37=2,5YR6/6=rouge clair=vermelho claro; dura, compacta, com fractura algo linear e alguns elementos não plásticos à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz muito mal conservado, de cor R17=7,5R4/6=rouge=vermelho; db: 123 mm; UE 376; Fase IIa.

#### 1.1.1.3. Drag. 15/17 ou 18 ou 33

Os fragmentos de fundo, n.<sup>os</sup> 28 (Mir-735-12), 24 (Mir-736-8) e 18 (Mir-717-11), pela sua exiguidade, podem igualmente ser classificados no tipo Drag. 18, produzido entre a época flávia e os inícios do século II (Mayet, 1984, p. 71).

A peça n.º 17 (Mir-717-30), de bordo liso e parede oblíqua, apesar de se identificar com os três grupos já referidos para a Drag. 15/17, também pode ser classificada como Drag. 33, tipo produzido na segunda metade do século I ou inícios do II, geralmente com diâmetros de bordo mais reduzidos, como é o caso: 141 mm (Mayet, 1984, p. 73).

17 (Mir.717.30): Fragmento de bordo arredondado e parede recta oblíqua; pasta de cor L25=10R7/3=rose=rosa; dura; compacta, de fractura algo linear e elementos não plásticos em quantidade média à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz muito mal conservado, fino, R17=7,5R4/6=rouge=vermelho; db: 141 mm; UE 375; Fase Ib.

28 (Mir.735.12): Fragmento de bojo com parede e união com o fundo; pasta de cor N25=10R6/4=rouge pâle=vermelho pálido; dura; compacta, de fractura algo linear e elementos não plásticos em quantidade média à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz mal conservado, fino, S19=10R4/4=rouge faible=vermelho ténue; dp: indeterminável; UE 331=400=392=413=34; Fase IIb.

18 (Mir.717.11): Fragmento de fundo em pé-de-anel relativamente alto e arredondado externamente e arranque de parede; pasta de cor L25=10R7/3=rose=rosa; dura; compacta, de fractura algo rectilínea e elementos não plásticos em quantidade média à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz muito bem conservado, fino, S19=10R4/4=rouge faible=vermelho ténue; dp: 98 mm; UE 375; Fase Ib.

24 (Mir.736.8): Fragmento de fundo em pé-de-anel alto de secção triangular e arranque da parede; pasta de cor R20=2,5YR4/6=rouge=vermelho; dura; compacta, de fractura rectilínea, depurada, com poucos elementos não plásticos à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz mal conservado, fino, S19=10R4/4=rouge faible=vermelho ténue; dp: 103 mm; UE 376; Fase IIa.

### 1.1.2. Formas lisas hispânicas

#### 1.1.2.1. Hispânica 4

O bordo em aba horizontal decorado por roleta identifica esta forma hispânica que, a seguir aos tipos Drag. 15/17 e 36, foi a forma mais difundida pelas oficinas hispânicas. Mayet não apresenta nenhuma proposta cronológica para este tipo (Mayet, 1984, p. 77); Roca Roumens e Fernández García propõem uma cronologia balizada entre os inícios da produção das oficinas e 150/160 d.C. (Roca Roumens e Fernández García, 1999, p. 285).

34 (Mir.699.347): Fragmento de aba decorada com canelura junto ao bordo; pasta de cor N25=10R6/4=rouge pâle=vermelho pálido; dura; compacta, de fractura algo linear e elementos não plásticos em quantidade média à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz relativamente mal conservado, fino, S19=10R4/4=rouge faible=vermelho ténue; db: 196 mm; UE 331=400=392=413=343; Fase IIb.

### 1.1.3. Formas clássicas decoradas a molde

#### 1.1.3.1. Drag. 37

Apenas um exemplar ao qual atribuímos uma cronologia do primeiro quartel do século II, tendo em conta a decoração com círculos, típica das oficinas hispânicas (Mayet, 1984, p. 83).

19 (Mir.717.25): Fragmento de bojo decorado com círculos concêntricos e linhas definidoras de métopa; pasta de cor N25=10R6/4=rouge pâle=vermelho pálido; dura; compacta, de fractura algo linear e elementos não plásticos em quantidade média à base de feldspatos de pequenas dimensões; verniz bastante bem conservado, fino, S19=10R4/4=rouge faible=vermelho ténue; dbj: 188 mm; UE 375; Fase Ib.

## 1.2. Andújar

Esta área terá comeado a sua actividade produtiva, segundo Mayet, na época cláudia, embora M. Roca e M. Sottomayor ponderem o início da actividades destas oficinas em momentos anteriores, com Tibério. Mayet e Roca estão em sintonia quanto ao final da produção apontando uma datação de meados do século II, ou algures na segunda metade deste século, mas sem atingir os momentos finais desta centúria (Mayet, 1984, p. 53-5).

### 1.2.1. Formas lisas clássicas

#### 1.2.1.1. Drag. 15/17

Apesar do reduzido campo de leitura dos quatro exemplares existentes, todos eles parecem intergrar-se nas variantes mais tardias deste tipo, com perfis já claramente hispânicos, abertos, de paredes levemente encurvadas para o exterior e bordos lisos, identificando-se apenas no exemplar n.º 29 (Mir-735-9) uma ligeira canelura abaixo do bordo. O fundo n.º 25 (Mir-736-7) é classificável na mesma categoria, com pé-de-anel baixo de secção rectangular e arranque de parede praticamente horizontal. Apontamos uma datação hipotética pós-flaviana para estes exemplares (Mayet, 1984, p. 45).

20 (Mir.717.27): Fragmento de bordo levemente biselado e bojo oblíquo; pasta de cor M25=2,5YR6/4=brun rouge clair=castanho vermelho claro; algo dura, de compactez média,

com fractura grosseira e bastantes elementos não plásticos à base de feldspatos e algum quartzo e mica branca e negra de pequenas dimensões; verniz mal conservado, de cor S37=2,5YR4/6=rouge=vermelho; db: 168 mm; UE 375; Fase Ib.

5 (Mir.758.16+13): Fragmento de bojo de carena contendo a canelura externa e a moldura interna que divide o fundo da parede oblíqua; pasta de cor M25=2,5YR6/4=brun rouge clair=castanho vermelho claro; algo dura, de compactez média, com fractura grosseira e bastantes elementos não plásticos à base de feldspatos e algum quartzo e mica branca e negra de pequenas dimensões; verniz mal conservado, de cor S37=2,5YR4/6=rouge=vermelho; dc: 180 mm; UE 458=469; Fase Ia.

29 (Mir.735.9): Fragmento de bojo biselado com ressalto a separá-lo da parede oblíqua; pasta de cor M25=2,5YR6/4=brun rouge clair=castanho vermelho claro; algo dura, de compactez média, com fractura grosseira e bastantes elementos não plásticos à base de feldspatos e algum quartzo e mica branca e negra de pequenas dimensões; verniz mal conservado, de cor S37=2,5YR4/6=rouge=vermelho; dbj: indeterminável; UE 331=400=392=413=343; Fase IIb.

25 (Mir.736.7): Fragmento de fundo em pé-de-anel largo de secção rectangular e arranque da parede quase horizontal; pasta de cor N25=10R6/4=rouge pâle=vermelho pálido; algo dura, de compactez média, com fractura grosseira e bastantes elementos não plásticos à base de feldspatos e algum quartzo e mica branca e negra de pequenas dimensões; verniz bem conservado, fino, de cor S19=10R4/4=rouge faible=vermelho ténue; dp: 93 mm; UE 376; Fase IIa.

#### 1.2.1.2. *Drag. 27*

Um fragmento, com perfil nitidamente hispânico, alto e largo, com o quarto de círculo superior pouco encurvado e bordo sem lábio. A cronologia desta forma identifica-se com a da produção do centro de Andújar (Mayet, 1984, p. 45).

6 (Mir.758.6+5+4+7+8+1+3+2+11+12): Fragmento de bojo arredondado e parede em dois quartos de círculo; pasta de cor N25=10R6/4=rouge pâle=vermelho pálido; algo dura, de compactez média, com fractura grosseira e bastantes elementos não plásticos à base de feldspatos e algum quartzo e mica branca e negra de pequenas dimensões; verniz bem conservado, fino, de cor S19=10R4/4=rouge faible=vermelho ténue; db: 152 mm; UE 458=469; Fase Ia.

## 2. *Terra sigillata africana*

### 2.1. *Terra sigillata africana A1*

É a etapa mais antiga da produção A, originária da área de Cartago, cuja cronologia se situa entre a etapa flávia e os meados do século II (*Atlante*, I, p. 19).

#### 2.1.1. *Hayes 9A = Lamboglia 2a*

É a variante mais antiga da forma, possuindo decoração roletada, ao contrário dos exemplares mais tardios cujas faces não são decoradas. A cronologia da peça engloba-se na primeira metade do século II (*Atlante*, I, p. 27).

21 (Mir.717.26): *Terra sigillata* africana A1. Fragmento de bordo arredondado e bojo com duas caneluras e decoração roletada com traços verticais; pasta de cor P19=10R5/8=rouge=vermelho; branda, de compactez média, com fractura grosseira, com alguns elementos não plásticos à base de quartzo, biotite, moscovite e algum feldspato de pequenas dimensões; verniz relativamente mal conservado, espesso, de cor R20=2,5YR4/6=rouge=vermelho; db: 144 m; UE 375; Fase Ib.

## 2.2. *Terra sigillata africana A1/2*

É uma etapa intermédia na produção cartaginesa, datada na segunda metade do século II (*Atlante*, I, p. 19).

### 2.2.1. *Hayes 26=Lamboglia 9b ou Hayes 27=Lamboglia 9a*

Devido à inexistência do fundo é impossível determinar qual dos subtipos corresponde à classificação mais correcta destes pratos com bordo inclinado para o interior e incisão separadora daquele e da parede esvasada. Segundo Lamboglia e Hayes, a forma data da segunda metade do século II; em Ostia surge em níveis de finais do século II (*Atlante*, I, p. 32).

47 (Mir.749.13+14): *Terra sigillata* africana A1/2. Fragmento de bordo levemente biselado e introvertido, com incisão interna a separá-lo do bojo esvasado; pasta de cor P19=10R5/8=rouge=vermelho; branda, de compactez média, com fractura grosseira, com alguns elementos não plásticos à base de quartzo, biotite, moscovite e algum feldspato de pequenas e médias dimensões; verniz relativamente mal conservado, de espessura média, de cor R19=10R5/6=rouge=vermelho; db: 264 mm; UE 230=270=309=341=377=381=386=387=343; Camada Superficial.

## 2.3. *Terra sigillata africana A2*

A fase aqui tratada decorre de finais do século II a meados do terceiro século (Hayes 1972, p. 289).

### 2.3.1. *Hayes 14*

Também neste tipo se integram vários exemplares cuja exiguidade dos fragmentos não permitem determinar a forma correcta, algo que só poderia ser feito através do conhecimento do troço inferior da parede. A cronologia proposta no *Atlante* (I, p. 33) é de finais do século II e primeira metade do século III; porém, quatro exemplares da forma 14=Lamboglia 3b1 estão representados no naufrágio Cabrera III, datado do ano de 257, pelo numisma mais tardio (Bost et al., 1992), o que estende ligeiramente a cronologia desta forma e da própria produção da *terra sigillata A2* um pouco para além de meados do século III.

3 (Mir.759.5): *Terra sigillata* africana A2 (?). Fragmento de bordo arredondado e bojo ligeiramente aberto; pasta de cor P19=10R5/8=rouge=vermelho; branda, de compactez média,

com fractura grosseira, com bastantes elementos não plásticos à base de quartzo, biotite, moscovite e algum feldspato de pequenas e médias dimensões; verniz não conservado; db: 154 mm; UE 458=469; Fase Ia.

35 (Mir.699.789): *Terra sigillata* africana A2. Fragmento de bordo arredondado e bojo ligeiramente aberto; pasta de cor P19=10R5/8=rouge=vermelho; branda, de compactez média, com fractura grosseira, com alguns elementos não plásticos à base de quartzo, biotite, moscovite e algum feldspato de pequenas e médias dimensões; verniz não conservado; db: 144 mm; UE 331=400=392=413=343; Fase IIb.

36 (Mir.699.792): *Terra sigillata* africana A2. Fragmento de bordo biselado internamente e bojo vertical; pasta de cor N37=2,5YR6/8=rouge clair=vermelho claro; branda, de compactez média, com fractura grosseira, com alguns elementos não plásticos à base de quartzo, biotite, moscovite e algum feldspato de pequenas e médias dimensões; verniz relativamente mal conservado, espesso, de cor N19=10R6/6=rouge clair=vermelho claro; db: 242 m; UE 331=400=392=413=343; Fase IIb.

## 2.4. *Terra sigillata* africana C2

É a segunda etapa da *terra sigillata* africana C, produzida na província da Bizacena, área que se torna um novo polo fundamental da economia romana, na conjugação de dois factores — o declínio económico e político de Cartago e Utica e a ascensão da dinastia africana em Roma (*Atlante*, I, p. 58). O início da primeira etapa, C1, está assim datado dos inícios do século III, mas o seu fim é um pouco impreciso (*Atlante*, I, p. 58). A etapa C2 foi datado por Hayes entre 240 e 320-30, parecendo começar um pouco depois do primeiro, mas também prolongando-se um pouco mais no tempo, alcançando o século IV, centúria que Hayes duvide que ainda assista à produção da C1 (*Atlante*, I, p. 58).

### 2.4.1. Hayes 50A/B

Este tipo possui uma cronologia imprecisa, em parte pelo seu perfil de transição (*Atlante*, I, p. 65); a seguirmos essa indicação poderia situar-se na primeira metade do século IV; no entanto, parece-nos que uma visão meramente tipológico-evolutiva pode distorcer a realidade e tal não acontece só com as etapas C1, C2, etc., cujas contemporaneidades parciais nos parecem indicar o estatuto, não de etapas, mas de focos produtivos; assim, outro argumento neste sentido é o facto de um exemplar de Hayes 50 A/B surgir no naufrágio de Cabrera III, datado do ano 257, o que confere um início mais alto para a produção deste tipo, quando se fabricava igualmente a forma dita anterior, Hayes 50A (Bost et al., 1992). O exemplar de Chãos Salgados não possui parede acentuadamente esvasada, como é normal nas peças Hayes 50A/B, mas o seu bordo já não é aguçado — como o são os bordos da forma Hayes 50A — sendo apenas afeiçoado externamente, o que o aproxima das características de alguns exemplares da Hayes 50B de bordos arredondados.

30 (Mir.735.14): *Terra sigillata* africana C2. Fragmento de bordo levemente biselado externamente e bojo oblíquo; pasta de cor R20=2,5YR4/6=rouge=vermelho; fina, de fractura pouco grosseira, depurada, com muito poucos elementos não plásticos à base de feldspato de pequenas dimensões; verniz mal conservado, fino, de cor R19=10R5/6=rouge=vermelho; db: 232 mm; UE 331=400=392=413=343; Fase IIb.



## 2.5. Terra sigillata *africana* C3

Segundo as escavações de Ostia, esta etapa decorreu entre inícios do século IV e meados do século V (*Atlante*, I, p. 59).

### 2.5.1. Hayes 50B

Esta forma foi datada por Hayes na segunda metade do século IV (*Atlante*, I, p. 65).

37 (Mir.699.577+578): *Terra sigillata africana* C3. Fragmento de bordo aguçado e bojo oblíquo suavemente curvo; pasta de cor N19=10R6/6=rouge clair=vermelho claro; fina, de fractura pouco grosseira, depurada, com muito poucos elementos não plásticos à base de feldspato de pequenas dimensões; verniz não conservado; db: 264 mm; Esp. UE 331=400=392=413=343; Fase IIb.

## 2.6. Terra sigillata *africana* D1 — 1.<sup>a</sup> fase

Trata-se de uma etapa produtiva de cerâmicas provenientes da área de Cartago, desde finais do século III ou inícios do século IV até ao século V (*Atlante*, I, p. 78).

### 2.6.1. Hayes 61B

Três fragmentos de bordo de tigelas, com paredes esvasadas em maior ou menor grau, que não conservaram o verniz. A cronologia da forma ronda os anos de 380/390-450, segundo Hayes (*Atlante*, I, p. 83)

38 (Mir.699.18): *Terra sigillata africana* D1-1.<sup>a</sup> fase. Fragmento de bordo vertical, com canelura fina na superfície interna, na união do bordo com a parede muito esvasada; pasta de cor P19=10R5/8=rouge=vermelho; branda, mas compacta e depurada, de grão fino, de fractura grosseira, com quartzo, biotite e moscovite e feldspato, nomeadamente calcite, de pequenas dimensões; verniz não conservado; db: 304 mm; (Quaresma, 1999b, est. 7). UE 331=400=392=413=343; Fase IIb.

39 (Mir.699.538): *Terra sigillata africana* D1-1.<sup>a</sup> fase. Fragmento de bordo tendente ao interior, com canelura fina na superfície interna, na união do bordo com o bojo; pasta de cor P19=10R5/8=rouge=vermelho; algo branda, mas compacta e depurada, de grão fino, de fractura grosseira, com quartzo, biotite e moscovite e feldspato, nomeadamente calcite, de pequenas dimensões; verniz não conservado; db: 253 mm; UE 331=400=392=413=343 (Quaresma, 1999b, est. 8); Fase IIb.

40 (Mir.699.215): *Terra sigillata africana* D1-1.<sup>a</sup> fase. Fragmento de bordo tendente ao interior, com canelura fina na superfície interna, na união do bordo com o bojo; pasta de cor P19=10R5/8=rouge=vermelho; branda, mas compacta, depurada, de grão fino, de fractura grosseira, com quartzo, biotite e moscovite e feldspato, nomeadamente calcite, de pequenas dimensões; verniz não conservado; db: 295 mm (Quaresma, 1999b, est. 9). UE 331=400=392=413=343; Fase IIb.

## 2.6.2. Fragmentos de fundo decorados

O n.º 41 (Mir.699.22) apresenta parte de uma figura geométrica reticulada e ramo de palma, enquadráveis no estilo A(ii)-(iii), datado entre 350 e 450 d.C. (*Atlante*, I, p. 123 e 125).

O n.º 42 (Mir.699.38) está decorado com círculos concêntricos, pertencentes ao estilo A(ii), datável entre 350 e 380 d.C. (*Atlante*, I, p. 125).

41 (Mir.699.22): *Terra sigillata* DI-I.<sup>a</sup> fase. Fragmento de fundo com decoração geométrica reticulada e ramo de palma; pasta dura, compacta, com fractura grosseira, depurada, com quartzo, biotite e moscovite e feldspato, nomeadamente calcite, de pequenas ou médias dimensões, cor N19=10R6/6=rouge clair=vermelho claro; verniz não conservado; (Quaresma, 1999b, est. 13); UE 33I=400=392=413=343; Fase IIb.

42 (Mir.699.38): *Terra sigillata* DI-I.<sup>a</sup> fase. Fragmento de fundo decorado com linhas circundantes e círculos concêntricos; pasta de cor R19=10R5/6=rouge=vermelho, tendo sofrido acção do fogo ou cozedura prolongada; dura, compacta, de fractura grosseira, depurada, com quartzo, biotite e moscovite e feldspato, nomeadamente calcite, de pequenas ou médias dimensões; verniz não conservado; (Quaresma, 1999b, est. 15); UE 33I=400=392=413=343; Fase IIb.

## 3. Ânforas

---

### 3.1. Produções africanas

#### 3.1.1. Classe 33 (=Africana I “Piccolo”)

O fragmento de asa em orelha abaixo descrito levanta um conjunto de duas hipóteses maiores: ou ser parte de uma ânfora de tradição púnica, cuja cronologia seria sempre muito alta em relação à datação da construção romana em que se depositou, ou pertencer a uma ânfora imperial. A pasta não se coaduna com as descrições dos fabricos béticos; também é verdade que o acabamento de cor mais clara descrito por Peacock e Williams (1986, p. 153) não se verifica nesta asa; no entanto, as características da pasta são semelhantes, apesar de não constatar a presença de calcite. Arriscamos, assim, e pelo facto de se encontrar num estrato superficial, uma classificação na classe 33, cuja área de produção é a Tunísia central e cuja funcionalidade estaria ligada ao transporte de preparados de peixe e de azeite. A datação do fabrico ronda os séculos III e IV, embora existam alguns exemplares em níveis de inícios de século II, em Ostia (Peacock e Williams, 1986, p. 153).

46 (Mir.683.44+2): Fragmento de asa em “orelha” com secção transversal sub-oval; pasta de cor M40=2,5YR7/8=rose=rosa; dura, compacta, mas com pequenos vácuos alongados, de fractura grosseira, com algum quartzo, mica branca, areias negras e algum feldspato de pequenas dimensões; superfície de cor M45=5YR7/7=jaune rouge=amarelo vermelho; diâmetro máximo: 3,7 cm. UE 230=270=309=341=377=381=386=387=262; Camada Superficial.

### 3.2. *Produções béticas*

#### 3.2.1. *Forma indeterminável*

O fabrico do fragmento de bojo com arranque de asa, de seccção sub-oval (?), enquadra-se nas descrições das pastas gaditanas, sendo difícil uma classificação formal para um exemplar tão exíguo (García Vargas, 1998; Beltrán Lloris, 1977).

43 (Mir.699.537): Fragmento de bojo com arranque de asa; pasta de cor K29=2,5 YR8/4=rose=rosa; branda, mas compacta, de fractura grosseira, depurada, com quartzo, mica branca e areias negras de pequenas dimensões; superfícies da cor da pasta; db: 152 mm; UE 33I=400=392=413=343; Fase IIb.

#### 3.2.2. *Classe 23 (=Alm. 51c =Keay XXIII)*

No espólio em estudo, possuímos um exemplar de proveniência bética e um outro — a analisar mais à frente — de origem lusitana. Estes contentores marcam, também na Bética, uma nova era na produção anfórica, que García Vargas considera mais homogénea (1998, p. 125).

A sequência cronológica com os contentores de transporte de preparados de peixe, bem como os restos de espinhas encontrados no naufrágio de Cabrera III, datado de 257 d.C. (Bost et al., 1992), levam os vários autores a supor uma mesma função para estas peças (García Vargas, 1998, p. 125).

Num centro produtor conhecido, Puente Melchor, o fabrico começa na transição entre os sécs. II e III, existindo também alguns exemplares em níveis do primeiro quartel do século IV, relacionados com o forno. Os fragmentos mais antigos conhecidos são provenientes da necrópole de Tipasa, em contextos do século II, embora não se saiba se o fabrico é bético ou lusitano (Fabião e Carvalho, 1990, p. 51; García Vargas, 1998, p. 126). Em Ostia, a sua presença inicia-se na primeira metade do século III; na cripta de S. Bonaventura, constata-se em níveis da segunda metade do mesmo século. Faz parte dos espólios dos naufrágios de Planier 7, Pampe-lone, datados do séc IV; dos naufrágios de Port Vendres I e Sud Lavezzi I, datados do século IV ou inícios do V (García Vargas, 1998, p. 126). Em *Magna Mater*, a sua cronologia está balizada entre 350 e 480 d.C. (García Vargas, 1998, p. 126).

26 (Mir.736.2I+20+I8+I9): Fragmento de fundo cilíndrico e onfalado, oco; lado externo com pasta e superfície de cor M45=5YR7/7=jaune rouge=amarelo vermelho; lado interno com pasta e superfície de cor M39=2,5YR6/8=rose; dura e compacta, de fractura grosseira, com bastante mica branca e areias negras de pequenas dimensões e algum quartzo de grandes dimensões; diâmetro fundo: 67 mm; UE 376; Fase IIa.

### 3.3. *Produções lusitanas*

#### 3.3.1. *Classe 20/21*

Adoptámos a nomenclatura proposta por C. Fabião e A. Carvalho (1990, p. 41-2 e 48), concordando com a ideia defendida por estes autores de que continua a não ser praticável, ao nível morfológico, a separação dos materiais de origem lusitana e bética. A pasta da ânfora abaixo des-

crita enquadra-se nas descrições existentes sobre os centros oleiros dos baixos vales do Tejo e Sado (Raposo, 1990; Mayet, Schmitt e Silva, 1996), não sendo, porém, plausível efectuar uma distinção entre os produtos das duas áreas.

Os oleiros que fabricaram os primeiros contentores desta forma ter-se-ão inspirado noutros de origem bética, tardo-republicanos/alto-imperiais, como as Classes 14, 16 e 19 (Fabião e Carvalho, 1990, p. 47), bem como a Classe 15 (Mayet, Schmitt e Silva, 1996, p. 62). No que respeita ao território actualmente português, nos fornos de Abul, no Sado, está documentada essa transição formal, datada de Augusto-Tibério (Mayet, Schmitt e Silva, 1996, p. 62).

A produção da Classe 20-21 situa-se em meados do século I d.C. e estende-se até finais do século II ou primeira metade do terceiro, embora o exemplar mais antigo provenha do naufrágio de Sud-Lavezzi 3 (Córsega), datado do primeiro quartel do século I; e em Ostia o seu desaparecimento se verifique na primeira metade do século III (Mayet, Schmitt e Silva, 1996, p. 41-42 e 48).

As ânforas desta Classe transportavam *liquamen* e *muria* — segundo os *tituli picti* conhecidos — e possivelmente outros tipos de preparados de peixe, a ver pelos restos de fauna ictiológica encontrados em contentores no naufrágio de San Antonio Abad, ao largo de Ibiza (Fabião e Carvalho, 1990, p. 41-2).

Embora para alguns autores as variações de partes de uma ânfora não sejam suficientes para a determinação de sub-tipos, mas sim apenas a análise de todo o contentor (Fabião e Carvalho, 1990, p. 48), alguns arqueólogos apresentam certas diferenças estatísticas, que pelo, embora apenas possuamos um fragmento de bordo, parece-nos de alguma utilidade comparar. Assim, o fragmento em estudo pode ser enquadrado no grupo C) de Porto dos Cacos (Raposo, 1990, p. 125) ou no grupo C) de Pinheiro, bordo de lábio arredondado, considerado a variante mais difundida por esta unidade produtora, durante quase todo o século II (Mayet e Silva, 1998, p. 63).

27 (Mir.736.2): Fragmento de bordo perolado e colo tronco-cónico; pasta semi-compacta, com vácuolos alongados e fractura grosseira, com bastante quartzo de médias e grandes dimensões, mica branca e areias negras de pequenas dimensões; cor N45=5YR6/6=jaune rouge=amarelo vermelho e superfície externa de cor L47=2,5YR7/4=rose=rosa; db: 175 mm; altura de colo observável: 56 mm. UE 376; Fase IIa.

### 3.3.2. Classe 23 (=Alm. 51c)

Já nos referimos atrás sobre esta forma, acerca da congénere produzida na Bética. A discussão cronológica e funcional é geralmente feita em conjunto pelos autores, mas preferimos deixar para este ponto a apreciação de alguns dados respeitantes somente aos exemplares de origem lusitana.

O exemplar de Chão Salgados é um fragmento de fundo cilíndrico, oco, com arranque de bojo que indicia uma pança fusiforme, de fabrico lusitano, tagano ou sadino.

No centro produtor de Porto dos Cacos — datado entre os séculos I e IV/V — esta forma está bem representada, sendo mesmo maioritária. O exemplar em estudo integra-se no grupo d) dos fundos descritos pelo autor (Raposo, 1990; Raposo e Duarte, 1995). Nos fornos 1 e 2 da Quinta do Rouxinol, centro produtor que laborou entre a segunda metade do século II e a primeira metade do século IV, este tipo também é predominante (Duarte e Raposo, 1995). Por fim, no centro do Pinheiro, este já no vale do Sado, esta ânfora está presente em larga escala e começa a ser produzida na segunda metade do século III (Mayet e Silva, 1998, p. 143).

Nas escavações da Travessa dos Apóstolos, em Setúbal, surge na camada 9, datada da transição entre os séculos II e III; as suas datações estão geralmente balizadas entre os séculos III e V (Fabião e Carvalho, 1990, p. 51).

44 (Mir.699.356+358+353+355+354+357): Fundo cilíndrico onfalado, oco e arranque de parede; pasta dura, compacta, de fractura grosseira, com bastante quartzo de médias e grandes dimensões, mica branca e areias negras de pequenas dimensões; cor N90=2,5Y6/4=olive pãle=oliva pálido internamente e externamente — bem como as superfícies, de cor M39=2,5YR=6/8=rouge clair=vermelho claro; diâmetro fundo: 56 mm; alt. fundo: 39 mm; largura máxima do bojo: 103 mm. UE 331=400=392=423=343; Fase IIb.

## 4. Lucernas

---

### 4.1. Provinciais

#### 4.1.1. Forma indeterminável

Parece-me que pouco há a dizer sobre o único fragmento de lucerna encontrado, sendo até uma simples asa. A pasta integra-se nos grupos 1, 7 ou 8 definidos por Maria e Manuel Maia, no estudo sobre os materiais do depósito de Santa Bárbara, Castro Verde, constituído por lucernas cujos tipos derivam das formas Dr. 20/Loesch. VIII (Maia e Maia, 1997). A origem do exemplar de Chãos Salgados deverá, pois, ser local ou regional. A forma Dr. 20 difunde-se sobretudo a partir da época flávia (Beltrán-Lloris, 1990, p. 265).

45 (Mir.699.630): Asa arredondada, irregular, com orifício central; pasta semi-compacta, pouco dura, de fractura grosseira, depurada, com alguma calcite e nódulos ferruginosos de pequenas dimensões; cor L47=2,5YR7/4=rose=rosa; verniz, se existiu, desapareceu completamente; diâmetro máximo da asa: 22 mm. UE 331=400=392=413=343; Fase IIb.